

Prefácio

Toda prática científica é, em última instância, uma experiência pessoal. Mais do que apenas revelar uma verdade, fazer ciência também consiste em esconder todas as peculiaridades referentes ao evento estudado; destilar a verdade a partir da vivência do cientista. Este, treinado na arte das ciências, possui a habilidade de ir além da singularidade de sua experiência e, através do método científico e de seu discurso, revelar as leis e a ordem do mundo, produzindo o universal de seu particular.

Assim, todo discurso científico também é uma história não contada sobre o próprio cientista: suas escolhas, seus fracassos, suas expectativas e tentativas. Todos estes elementos que o impregnaram em seu percurso no (e para o) laboratório e que não se encontram presentes em sua produção científica final nos dizem tanto sobre a ciência em si quanto o seu discurso, já “destilado”. A “neutralidade” do método científico, responsável pela retirada de tudo isso, nos revela bastante sobre as escolhas não expostas do cientista que a produz. Aquilo que esteve presente em todo o momento da produção do conhecimento e que não tem lugar no discurso científico, definem de certa forma aquilo que diferencia a ciência e a não ciência. Por fazerem parte de todo o processo, também deixam suas marcas invisíveis no resultado final. Por isso, tudo aquilo que se encontra no discurso, inclusive o não dito, se refere ao fazer ciência.

Fazer ciência é, de certa forma, descartar da prática a experiência pessoal do cientista através do método científico. Seu discurso consiste em um contínuo jogo de ocultar do leitor essa história não contada, não “pertinente”. E, assim, aprender a fazer ciência – ou seja, tornar-se cientista – consiste em um gradual processo de aprendizagem de se ignorar a sua própria experiência em prol de um discurso científico, purificado e “neutro”, que reflete em si a excelência da prática científica.

De uma maneira ou de outra, é sobre essa história não contada da prática científica de que trata o presente estudo. Pelo menos, em parte. Ao pensar sobre as

relações entre a psicologia e a neurociência e suas produções, uma série de escolhas me foram impostas e me guiaram até aqui, nestas linhas: Como tratar e dar conta dessas relações? Qual a posição que eu – como “cientista” – estou tomando acerca do assunto? De qual maneira pretendo abordar o assunto? O que daquilo que “não diz respeito às minhas questões” deixarei de fora? Deixarei algo de fora – propositalmente e/ou sem querer? Qual a melhor forma de escrever o que quero dizer? Como eu vejo essas relações entre psicologia e neurociência e, principalmente, como é a melhor maneira, através do discurso científico, apresentar minha visão? Como isso que estou fazendo se relaciona com aquilo que fiz antes? Como eu espero que se relacionem? O que estou tentando fazer, por que e como? Aliás, isto é um trabalho científico?

Quem sou eu, de onde vim para onde vou?

Assim como todos na passagem entre o “senso comum” e o “conhecimento especializado”, fui atravessado pelas mesmas questões que norteiam, às escondidas, a prática científica. E durante este processo de transformação em “especialista” (aqui entendido apenas como “aquele que sabe algo que o diferencia”), precisei aprender a descolar de meu discurso a minha experiência, minhas expectativas e escolhas. Era preciso afastar estas questões de meu trabalho final. E a cada momento em que, cada vez mais, o trabalho tomava uma forma definida, ficou mais claro que este estudo não trataria apenas das relações entre a psicologia e neurociência tal como se pretendia recortar, mas que também se tratava desse recorte que era feito, dessa relação que era construída. Afinal, como psicólogo, estou falando de minha relação com a neurociência e sendo guiado por minhas escolhas ao relatar essa articulação entre psicologia e neurociência. Sem perceber, me tornei meu objeto de estudo.

E este é o resultado.